

O MEMORIAL COMO INSTITUIÇÃO NO SISTEMA DE MUSEUS: Conceitos e práticas na busca de um conteúdo¹

Jorge Barcellos²

Apesar da vasta produção bibliográfica sobre a organização e a natureza dos museus, principalmente no campo de sua definição teórica, entre a história e a museologia³, penso que existe um ponto frágil: a clara inexistência de uma definição mais consistente do **Memorial** como instituição.

Certamente, a ausência de uma delimitação conceitual precisa da noção de Memorial deriva um entendimento sobre o papel que tem as instituições que trabalham com a memória na sociedade. Para o senso comum, Museu e Memorial são a mesma coisa. Para antecipar um pouco o campo a partir do qual me situo, *considero o paradigma da ciência museológica ao mesmo tempo indispensável e insuficiente para o conhecimento da natureza da instituição memorial*. Indispensável, pois trata das formas de organização de prédios, acervo e espaço e pessoal e público a que se destinam toda e qualquer coleção de objetos históricos. Insuficiente, por que paradoxalmente, a museologia - ciência a quem caberia a questão - não se colocou o problema dos memoriais, ou ao menos pergunta fundamental "O que é um memorial" como pauta de investigação. Nesse sentido, ainda que possa parecer contraproducente, o "senso comum", a descrição do funcionamento de memoriais, tem em parte algo a dizer.

A questão conceitual não é uma questão qualquer. Uma fundamentação teórica do conceito de memorial poderá alterar as práticas que determinadas instituições, que ao se autodenominarem memorial, vem realizando práticas que de instituições similares na forma. Por outro lado, permite também esclarecer o

¹ Versão modificada da palestra apresentada no Fórum Estadual de Museus, Porto Alegre, 1999.

² Historiador. Mestre em Educação. Doutorando em Educação. Coordenador do Memorial da Câmara Municipal de Porto Alegre.

“saco de gatos” no qual se transformou o conceito memorial, onde as mais diferentes práticas culturais de memória e produção cultural estão sendo acomodadas. A questão fundamental é: por que meios pode ser construída uma definição contemporânea de memorial, a partir de quais categorias deverá ser construído?

Várias instituições estão sendo criadas recentemente e que carregam o nome de Memorial, sendo o da Câmara apenas um deles. O caminho para a investigação de sua natureza deve ser contada a partir de como se apresentam os memoriais na atualidade, que não pode prescindir de uma reflexão sobre o significado da palavra. Encerra a análise uma descrição do memorial da Câmara.

O memorial como o palco de homenagem

Analisando reportagens do Jornal *O Estado de São Paulo*⁴ no ano de 1998 sobre memoriais no Brasil e no mundo, chama a atenção o fato de que os casos de Memorial que são notícia refiram-se a instituições cuja função é *prestar uma homenagem*. Possuem o formato de um museu nos termos do Conselho Internacional de Museus e similares, enquanto “instituição permanente que conserva e expõe coleções de objetos de caráter cultural” mas são publicamente denominados memoriais como se nenhuma diferença isto fizesse. Os casos são vários e seu funcionamento ilustra perfeitamente a tipologia. O primeiro é o recente caso do Memorial em homenagem a Diana Spencer, ainda que a família real britânica tenham desmentido a intenção de transformar o Palácio de Kensington num memorial em homenagem à princesa Diana. Apontado pelos britânicos como “museu das lágrimas”, o memorial da princesa Diana, localizado na casa de campo da família dela em Althorp - 120 quilômetros ao norte da

3 Giraudy & Bouilhet, em “O museu e a vida”, clássico na área, explorou os aspectos básicos, além de enumerar os principais conceitos. Para uma visão ampliada, ver Henri-Pierre Jeudy, “Memórias do social” e Marcos Silva, História: prazer em ensino e pesquisa, com suas abordagens originais da questão do patrimônio.

4 A pesquisa tomou como base levantamento feito de novembro de 1997 a novembro de 1998. Foram pesquisadas, através da Internet.

capital - é na realidade a residência onde viveu Diana, aberta à visitação pública para cerca de 2 mil pessoas por dia. Ali o que se mostra são os jardins, o túmulo de Diana - erigido numa ilha no centro de um lago - e, o mais importante e definidor deste memorial, os *objetos* que pertenceram à princesa, montados num dos galpões da propriedade. E é claro, numa das salas do memorial há uma loja para quem desejar comprar uma lembrança de Lady Di.

Outro exemplo de Memorial importante é o John Kennedy Memorial. Ainda que em seus mil dias de governo, Kennedy enfrentou Cuba e a Guerra Fria, os americanos revelam um fascínio por sua juventude, aliada ao charme da primeira-dama, Jacqueline. O mito foi construído por um tiro em Dallas e é mantido pelo Memorial John F. Kennedy - que também é uma livraria. Assim como no Memorial de Lady Di, o principal acervo são os objetos pessoais de Kennedy, fotos e mais de 20 vídeos que recontam aqueles dias - note-se o prédio do arquiteto I. M. Pei, o mesmo da pirâmide do Louvre. Na linha dos Memoriais Presidenciais, O Lincoln Memorial em Washington DC homenageia o presidente americano, com um amplo acervo de objetos e documentos, abrindo, mais do que os anteriores, no entanto, uma programação de destaque, como por exemplo, as comemorações pela passagem do nascimento do líder negro Martin Luther King Júnior assassinado em 1968, que o Memorial comemorou com muitos discursos, orações, desfiles e homenagens. Na Europa, em São Petersburgo está o Memorial F.M. Dostoievski, localizado na Kuznechny Pereulok é que é a casa onde Dostoievski morou na última fase de sua vida e onde morreu. Possui seus bens e objetos e funcionários do memorial organizam visitas-guiadas, que podem ser em russo, francês e inglês, com passeios de duração de duas horas. O custo é de US\$ 50, independente do tamanho do grupo.

No Brasil, alguns memoriais se destacam. O Palácio de Tábuas, também conhecido por Catete, homenageia Juscelino Kubitschek. Primeira residência

oficial de Brasília, foi construído em apenas dez dias, por amigos do ex-presidente, e foi sua casa nos primeiros meses de governo. É uma habitação simples, feita de madeira, no subúrbio da cidade, tombada em 1959, a pedido do próprio JK, e que, ainda que seja chamado de museu, possui aquelas características que observamos nos memoriais que tem como principal função prestar uma homenagem: suas principais atrações são os aposentos oficiais do presidente e a cozinha, reconstruída com material cenográfico. Na mesma linha, em Porto Alegre, recentemente, o centenário do líder comunista gaúcho Luís Carlos Prestes começou a ser comemorado com o lançamento da pedra fundamental do Memorial Prestes, que será construído no Parque Marinha do Brasil, o maior da cidade

O memorial como centro cultural

A segunda característica dos memoriais que observamos é o fato de funcionarem *a maneira de grandes centros culturais*. Levam o nome de memorial, mas em realidade, são o cenário para as mais diferentes atividades culturais, da música as artes plásticas, imitando, de certa forma, o funcionamento das Secretarias de Cultura do Estado: promoção geral da cultura. O exemplo clássico dessa atuação é o Memorial da América Latina, inaugurado em março de 1989, e considerado na prática, a grande referência em termos de memoriais no Brasil. Grandioso, caro e controverso, misto de espaço destinado à preservação da cultura continental e à realização de eventos cívicos e congressos, foi uma das obras mais cara na área, avaliado em cerca de US\$ 48 milhões, construído pela Mendes Júnior.

Seu perfil de atuação é agregativo, funcionando como memorial agregando várias funções: museu, centro cultural, centro de convenções, etc. A primeira função assimilada pelo memorial da América Latina é ser o centro de realização de grandes exposições, como foi a exposição de 46 telas do pintor

argentino Fernando Cánovas em sua galeria dedicada à arte latino-americana. Em segundo lugar, a atividade musical também é incorporada, como se noticiou pela passagem do aniversário da cidade de São Paulo, onde o memorial realizou o espetáculo *25 de Janeiro - Uma Comemoração Musical do Aniversário de São Paulo* com cerca de 19 shows musicais. Em terceiro lugar, o memorial privilegia a imagem como foco, por um trabalho realizado pela videoteca do memorial, composta por cerca de 12 televisores de 21 polegadas com controle remoto, 12 videocassetes de seis cabeças e 37 fones de ouvido, doados pela Philips e um projetor de cristal líquido capaz de produzir imagens de 160 a 520 polegadas. O equipamento impressiona.

O Memorial da América Latina também é abrigo de simpósios e seminários, como *Modernidade e Crítica no Século 20: Literatura e Artes Plásticas*, organizado pela USP, que homenageou o centenário de nascimento de Sérgio Milliet, e discutiu temas como tendências da crítica dos anos 20 a 50 e a presença francesa na crítica literária brasileira. Como espaço editorial, lançou os primeiros cinco livros da série *Segundas no Memorial*, com depoimentos de José Mindlin, Silviano Santiago, Maria Adelaide Amaral, Vânia Toledo, Juca Kfoury e Luiz Gonzaga Belluzo. É um perfil múltiplo, apostando na diversificação associada a preservação da memória.

Memoriais com este perfil espalharam-se pelo país. Em Campinas, a Prefeitura já investiu R\$ 400 mil para transformar o antigo Palácio dos Azulejos, construído em 1878 para ser a residência do Barão de Itatiba, num Memorial que entre outras coisas, abrigará um arquivo histórico e será o o novo centro cultural da cidade, com salas para exposições, biblioteca, sala de eventos e um bar-café, além de um Núcleo de Preservação da Memória de Campinas, o Arquivo Histórico, os Museus da Cidade e da Imagem e do Som, além da Coordenadoria do Patrimônio Cultural. Em Porto Alegre, a Usina do Gasômetro, um grande centro cultural da cidade, com teatro, cinema e salas de aula, fez o movimento inverso e incluiu na sua estrutura um Memorial dos trabalhadores do

museu, com a memória da energia em Porto Alegre. No futuro os memoriais engolirão os centros culturais ou será o contrário? 5

Um conceito a procura de seu conteúdo

Após esta análise das práticas de trabalho dos memoriais no Brasil e no mundo, fica claro que a ambiguidade norteia o conceito senso comum a partir do qual foram construídas tais instituições. No meio campo entre museu e centro cultural, o memorial não tem uma identidade definida conceitualmente, aparecendo e diluindo suas funções ao sabor das administrações. Nossa posição é que uma perspectiva conceitual restrita é essencial num momento histórico como o nosso, onde a memória tem sido objeto de cada vez mais iniciativas e a criação de Memoriais uma de suas práticas.

Para fazer isso, o ponto de partida a ser levantado é a busca do significado da palavra. Com isso, a idéia que temos é que se possa ir progressivamente delimitando seu objeto e campo de atuação, distinguindo-o de seus congêneres centro cultural e museu, enquanto instituições voltadas a memória. Mas este também não é um caminho fácil. No Dicionário Etimológico Silva Bastos da Língua Portuguesa, de 1928, Memorial significa um pequeno livrinho de lembranças, uma petição escrita. Nele encontramos a primeira indicação das origens etimológicas: vem do latim *memorins*. O dicionário etimológico Ernesto Faria não indica *memorins*, mas *memoriális*, aquilo que ajuda a memória, a partir de citação de Suetônio e Cezar. *Memorialis* é adjetivo, e parece ser o mais preciso, e é distinto do substantivo *memoriola*, referente a memória, presente no *Latin Dictionary for Schools*, de Lewis, de 1889, mais ainda que não precisa exatamente que tipo de memória se trata. Koeler, em seu Pequeno Dicionário Latino-português, de 1943, esclarece a questão: *memoriola* é

5 Deixo propositalmente de fora o Memorial do Rio Grande do Sul, que será objeto de comunicação neste Seminário.

pequena memória, memória fraca. Este não é o caminho que leva aos sentidos de Memorial, na origem.

O Dicionário Latino Português de Dirceu Rodrigues, de 1944, a expressão mais próxima de *memorins* de Silva Bastos volta a ser *memorialis*, "que tem relação com a memorial. No plural, *memoriales*, são ditos os secretários, que junto com *libris* - que é associada também à guarda da memória - se transforma na expressão *memoriales libri*, ou simplesmente memoriais, na concepção estrita de *registros da memória*. A interpretação de Cretella Jr, em seu Dicionário Latinoportuguês, para "*memorialis*" é aquilo "que ajuda a lembrança". Sua interpretação toma como bases passagens de Suetônio, mas tomada no sentido de substantivo, o sentido é diverso, o de *historiógrafo*, segundo o Código Justiniano. O dicionário de Francisco Antono de Souza, de 1926, registra *memorialis* - a mesma expressão de Silva Bastos - também como "aquilo que serve a lembrança", mas chama a atenção para o derivado *memoráculum*, monumento que lembra.

Assim, ao tudo indica, é em *memorialis* a raiz de memorial, com os significados de *registro que auxilia a memória*. Isso é confirmado pelo Dicionário de Cabralli e Ramalli, de 1867, assim como o de Forcellini e Perin. Este último é bem mais específico, pois indica "aquilo que serve para fixar a memória", mas também a certa "forma epistolar existente no senado", uma *certa forma de escrever*. É o que também parece sugerir o volumoso "Tesouros da Língua latina", que, referindo-se a *memoriālis*, diz: "oficiais que escrevem a memória militar". Este ponto é muito importante. Referindo-se a auditores e escrivãos diversos, *memorialis* parece revelar uma definição institucional, que também é assinalada pelo Código de Justiniano. Arrisco a interpretação de que o que o conceito atual de Memorial preserva - ou deve preservar - para não sofrer o risco de descaracterizar-se na origem, é de que é uma escritura, uma memória institucional, formal, burocrática -se preferirem - o objeto fundamental de um

memorial, seja ela qual for. Portanto, exclui-se, numa primeira interpretação, como centro de um Memorial a função cultural em sentido lato.

A Enciclopédia e Dicionário Internacional Jackson, confirma que Memorial vem do latim *Memorialis*, derivado de memória, e esclarece: "livro portátil onde se escrevem os apontamentos, as coisas de que precisamos lembrarmos. Petição em que há referencia a um pedido já feito. Lembrança, apontamento que se toma de cousa sobre que mais tarde se projeta escrever mais detidamente. *Que traz a memória*, que é digno de memória". O fato de que no conceito de *memorialis* haja uma certa idéia de petição, de escritura, é confirmada pela Enciclopédia Ilustrada Universal, a mais importante enciclopédia espanhola, que reúne etimologias do sanscrito, hebreu, greco e outras linguas. Diz textualmente que *memorialis* é "livro ou caderno onde se aponta ou anota uma coisa para um fim. Papel ou escrito em que se pede um favor ou graça, alegando os méritos, ou motivos em que se funda o pedido". No entanto, o fato de "que traga a memória" é mais sutil: lembra fundamentalmente o *objeto* realidade última dos museus.

Este ponto também precisa ser explorado com cuidado. Se o conceito de memorial, em sua origem admite a via da memória institucional, fazendo-se a partir de objetos selecionados, então estamos diante de uma definição aproximada de memorial como lugar *permanente que conserva e expõe coleções de objetos de caráter institucional com fins culturais* se quisermos apenas modificar brevemente a concepção do Conselho Internacional de museus. No entanto, sua definição é completamente distinta da definição dada aos museus em Santiago do Chile, em 1973, pois no caso, não se trata de uma *instituição a serviço da sociedade* (sic) mas de uma instituição a serviço de fins específicos do Estado. Isso modifica muito a Declaração de Santiago, pois, ainda que possamos dizer que um memorial "adquire, comunica e expõe - como qualquer museu - para fins de estudo e educação - não se tratam dos

testemunhos em geral, mas de *testemunhos específicos* . Entramos portanto no campo da ideologia.

Etimologicamente, portanto, o conceito de Memorial diferencia-se do conceito de museu. Memorial não é um museu, não é abrangido em sentido strito pelo conceito - no sentido de que é incorreto chamamos indistintamente Memorial de Museu, ou de que possamos concebe-los funcionando da mesma maneira. É que não se tratam de "*estabelecimentos administrados no interesse geral*" como o Conselho Internacional de Museus propôs em Paris, em 1957, pois atende aos interesses específicos de divulgação, conservação e valorização de uma memória específica de uma determinada instituição. Suas semelhanças dão-se apenas em sua forma, como aponta os Estatutos do ICOM para os museus em geral, quando diz que "*assimilam-se aos museus as bibliotecas públicas e os centros de arquivos que mantem em permanencia salas de exposição*" .Ainda que aparentemente tais conceitos pareçam ainda serem pouco elucidativos para o campo pretendido, nunca é demais relembrar que ate agora, instituições governamentais importantes dedicaram-se a criar memoriais sem o mínimo critério, a não ser o de um *conceito sem conteúdo*.

Há ainda, no entanto, outros elementos da definição de Memorial, que não foram ainda mencionados na procura pelos seus diversos significados. O dicionário esclarece: "(é também) o nome dado pelos Cavaleiros de Malta aos estratos(resumos) de provas de nobreza que apresentavam aqueles que pretendiam ser admitidos na ordem(de cavalaria)". Essa definição, que aproxima-se da definição já mencionada pela Enciclopedia Universal convive com o sentido de escrita por um profissional, presente no Baixo Império, e que significava oficiais subalternos dos arquivos imperiais. O dicionário completa com vários desdobramentos interessantes: *memorialesco*, com estilo pertencente ou relativo ao memorial; *memorialista*, aquele que por oficio se ocupa de escrever memoriais ou quaisquer outros documentos que lhe pedem, e finalmente, o

também curioso fato de que *memorialistas*(plural) foram indivíduos de uma sociedade na Inglaterra com o nome de Sociedade da Paz, chamados assim por que faziam os memoriais "a todos (de todos) os reis".

No Grand Dictionnaire Universal du XIX siècle de Pierre Larousse, publicado em 1874, vemos a maior gama de significados da palavra Memorial, junto com o Dictionaire de La langue Française, de E. Littré, de 1876. Para Larousse, Memorial é derivado do latim memória(fr. *Memóire*), mas é, segundo já anunciamos, uma certa memória serva da instrução num contexto político: "presentear um memorial ao governador inglês" ou " apresentar um memorial a corte de Madri". Para Larousse, a expressão também está ligada a uma grande obra ou monumento histórico, " aos quais se associa feitos memoráveis: o memorial de Santa Helena" e é de Larousse ainda que a Grande Enciclopedia Universal retira a lembrança da ordem de Malta e a noção de oficiais arquivistas do Baixo Império, o que atesta a importancia fundamental da Larousse para investigar a etimologia.

Do ponto de vista administrativo, Larousse assinala que "memorial é o registro sobre os quais se transcreve as letras dos reis(...)memorial administratifs dune localité" ou ainda, no campo financeiro, um "jornal sobre o qual os negociantes e banqueiros inscrevem seus negocios". Larousse, diferente de uma certa concepção mais contemporânea, inclui com grande ênfase o que poderia ser denominado "memórias". Analisando em detalhe o Memorial do Governador Morris, ministro dos Estados Unidos na França de 1792 a 1794, publicado em 1883, e o Memorial de Santa Helena, publicado em Paris em 1823, Larousse destaca as *biografias* de nobres e autoridades como parte importante do conceito de memorial. Esse novo conceito, explica em parte, o hábito de associar-se memoriais a grandes figuras ou instituições, o que dá em verdade, uma definição importante para os usos da palavra memorial.

Litré, em seu Dictionnaire de la Langue Française, assinala que Memorial "*é aquilo que conserva a memória de qualquer coisa*". O conceito é por si frustrante, considerando-se Litré o mais importante dicionário do século passado. No entanto, ao explorar mais detidamente o conceito, ve-se que a definição em Litré não é tão simples assim, e há varios significados correlatos ao longo do tempo.

Litré nos revela que na definição de memorial também pode ser encontrada como parte ou etapa do sagrado, da religião, da eucaristica, onde memorial é o "*nome composto de bens e graças, que são mostrados através da adoração dos sacramentos, um milagre do amor, um memorial e uma reunião de todas as graças*". É também o "*lugar de festa ou memorial eterno dos peregrinos de Israel que buscam a terra santa*", ou ainda "*obra ou reunião dos escritos de objetos que pertencem a alguém*", ou "*título jornadas políticas de diversas correntes*" , "*nome das memórias na corte de roma ou de espanha que servem para instruir uma viagem*", "*jornal livre sobre o qual se escreve as coisas que nos pertencem*". Todas estas definições, inspiradas, quer em relatos diversos, quer em filósofos como Montesquieu ou Calvino, destacam-se por que dão ao mesmo tempo uma dimensão profana e *sagrada* ao conceito de memorial. O memorial portanto, sacraliza uma memória. 6

O memorial da Câmara Municipal

Ainda que não esgote a exploração etimológica, sabemos agora que o eixo sobre o qual o trabalho de um memorial deve centrar sua organização é a memória do Estado ou da instituição a que se refere - o que os libera de se constituírem, como os demais museus, de maneira aleatória em função de determinados acervos, temas ou objetos. Não cabe ao Memorial um acervo

6 Não pretendo explorar aqui o tema da sacralização da memória, mas gostaria de indica-la como um ponto importante a ser abordado por interpretações antropológicas que partam, principalmente de uma visão a maneira de Mauss e Dumont dos objetos.

diverso dos fins institucionais para os quais foi criado, ainda que isto pudesse ser de interesse geral e da comunidade, pois não se trata disso que está em questão. O exemplo do Memorial da Câmara Municipal de Porto Alegre é um exemplo dos problemas e virtudes da constituição de um centro de memória em instituições públicas em busca de seu conceito.

Criado em 1994 seu funcionamento sofreu uma aceleração há cerca de um ano e meio. De órgão sem recursos, hoje a comunidade pode acompanhar o que se passa em termos culturais na Câmara Municipal, bastando para isso conectar-se ao site do Memorial na World Wide Web (www.camarapoa.rs.gov.br). O processo que levou de um setor modesto a um órgão que oferece diversos serviços na área de educação e memória do Legislativo Municipal merece ser acompanhado com atenção.

A primeira característica de relevo é a sua intensa programação. Criando programação - através de suas exposições - e agendando solicitações da comunidade e dos vereadores, o memorial abriu um espaço para a difusão da cultura. É objetivo do memorial dar todo apoio aos artistas e aos eventos realizados, divulgando os eventos na Internet e na imprensa. Ainda que a imprensa esteja seja atingida com sucesso, no entanto, tem sido difícil manter a página da internet atualizada. Ela tem funcionado como a própria memória do memorial, onde pode ser visto, mesmo depois de já ocorrido o evento, quadros integrantes das exposições, informações sobre o artistas, a exposição, a obra e características do estilo dos autores. Ao menos ficando na Internet, os artistas tem sua obra divulgada. Mas ainda não é o ideal.

Ao longo de seu trabalho, o memorial reuniu um elenco de exposições à disposição para a comunidade, para escolas e associações. Elas ainda não estão no seu formato ideal: prontas para exposição - exceto a Memória da Câmara, em painéis apropriados. Ainda assim, todo o acervo organizado das exposições -

fotos e textos - está a disposição da comunidade, bastando para isso dispor-se a montar a exposição. Ao longo do tempo, a intenção é deixar as exposições em condições imediatas de uso.

O que o trabalho no Memorial revela a necessidade de incorporar o avanço do marketing cultural e a apropriação de novas tecnologias (Internet, digitalização de imagens, etc) para realizar seu trabalho. Através do marketing - divulgação junto a imprensa, captação de parcerias e recursos - o que o Memorial revela é que o campo museológico é um campo de competição e luta. Um campo onde se exerce poder, que são tecidas através de relações intra-institucionais e extra-institucionais(dentro e fora do Legislativo). Significa isto que o caminho para a constituição de um Memorial para pelo arranjo e rearranjo de poder no interior da própria instituição com os demais setores e atores envolvidos, e com as instituições do sistema cultural mais próximo.

No campo das relações intra institucionais, o primeiro passo dado nesta atual gestão foi sua oficialização dentro do organograma oficial da casa, a disputa por recursos materiais e humanos como estagiários e funcionários. Ainda que o memorial sinta a carência de pessoa - são apenas dois funcionários efetivos - não se pode dizer que em muito tem auxiliado os recursos obtidos, inclusive, dispondo-se de uma nova sede. Por outro lado, extra-institucionalmente, o Memorial construiu parceria com instituições culturais importantes da cidade, através de seus eventos, tanto em Porto Alegre como no centro do país. Secretaria Municipal da Cultura, Universidades da grande Porto Alegre e editoras do eixo Rio de Janeiro-São Paulo, apoiam as iniciativas do memorial.

Avaliando essa trajetória, é importante salientar o seu papel como atendente de demandas externas. Como setor produtor de cultura do Legislativo Municipal, o Memorial vem desenvolvendo uma política cultural que coloca o

público em primeiro lugar, procurando abrir espaço para novos criadores, facilitando o acesso a informação e realizando projetos pedagógicos através do atendimento de escolas. Constantemente questionando-se sobre sua própria identidade, a auto-avaliação é constante. É bastante crítica e dura. Se a atuação na área cultural é uma forma importante de atingir novas audiências, trazê-las para a Câmara Municipal, o fato de atender-se a uma ampla programação traz como defeito a dificuldade de dar atenção aos detalhes da produção cultural. Isto é um problema, pequenos erros, ainda que dispersos no sucesso da atividade, tornam a atividade, para seus funcionários, bastante desgastante, pois cada evento exige uma atenção redobrada.

Um dos problemas que o Memorial vem enfrentando é que ao adotar lentamente prerrogativas e objetivos de um mini-centro cultural, ele acabou deixando em segundo plano a questão institucional. Ainda que diversas exposições e pesquisas sobre história da Câmara Municipal e de seus vereadores já tenham sido feitas, o ponto exato em que nos encontramos é de um questionamento do fato de que se esta é nossa função, na medida em que os eventos são considerados apenas uma parcela das atividades do memorial - cabe-lhe, ao menos em tese, fundamentalmente a gestão de um acervo de história política. Não há, entretanto, diretrizes oficiais da Câmara a respeito, nem uma filosofia defendida pela instituição. Nesse sentido, passível de crítica, e isto é feito a boa fé, é o personalismo de seus membros o que dita as prerrogativas do Memorial: o memorial é o produto da vontade de indivíduos. Dois, para ser exato.

Entretanto, a receptividade do público, que descobre agora que existe produção cultural naquele que até então tinha a imagem exclusiva de "fazer as leis" é algo gratificante e que merece ser valorizado. Esse movimento não pode ser considerado isolado do movimento de multiplicação de setores culturais nos órgãos legislativos - refiro-me especificamente Solar dos Câmara, que abriga

um Centro de Documentação em História Política e do Centro de Documentação da Câmara dos Deputados. No entanto, as prerrogativas de um centro cultural ainda que necessárias, não são suficientes. A pergunta é: um memorial deve apenas atender a demanda? Ainda não foi suficientemente respondida. Ainda que signifiquem “visibilidade”, coloquem o Legislativo como gerador de “grandes debates”, gerem legitimidade para uma série de outros trabalhos no interior da instituição, sejam extremamente prazerosos de realização, no entanto, nada indica que este caminho seja preferível e desejável para sua realização enquanto memorial - o que não impede que os memoriais que estão por aí continuem fazendo exatamente isto. No entanto, o que me refiro é que do ponto de vista de sua estruturação, produção e divulgação de seu próprio acervo, seu mote de trabalho, isto nada significa.

E a contradição para os trabalhadores de memorial é justamente esta, o seu problema é fazer frente a uma demanda cultural que não para de crescer e atender a demanda externa ao mesmo tempo em que dá conta de seu próprio acervo - sem contar com recursos. É contradição pois importa na administração de duas forças de trabalho antagônicas e crescentes, é um trabalho difícil, bastante diverso - e o tempo é que faz isso - do memorial criado em 1994 pelo Ver. Luiz Braz como uma sala onde estavam guardadas as imagens dos presidentes da Câmara de Vereadores. Não se pode no entanto, negar o papel da própria história: aos poucos teve sua função ampliada, entre 1995-96, já podia-se ver uma atuação cultural crescente, com exposições, ficou fechado por um semestre em 1997, há um ano e meio foi reaberto e hoje o memorial, mal ou bem, começou uma coleção de materiais raros da história do legislativo municipal: uma coleção de fotografias e documentos históricos e uma hemeroteca, a ser organizada para pesquisa, com jornais do centro do país. A pergunta que fica ao longo desse trabalho, que dirige-se para o fato de que para 1999, o Memorial não deveria voltar-se para sua estrutura interna - o objetivo tradicional de colecionar e conservar acervo, organizando-o - buscando

diminuir o ritmo frenético ao qual foi arrastado? Questão de filosofia de trabalho. Não deveria lutar por recursos humanos, para dotar os diversos setores de funcionários para darem conta de cada uma das funções de um memorial? Questão administrativa. Deve ou não reavaliar os projetos desenvolvidos até agora com vistas a um perfil institucional adequado - que perfil deve ter por exemplo, o projeto "conferências internacionais" em um Memorial? Qual é a melhor forma de gestão do projeto do Salão de Artes Plásticas Câmara Municipal de Porto Alegre?, isto, apenas para falar dos projetos que requerem mais trabalho. Projetos menores, como "Câmara vai a escola" e "Aula na Câmara", o primeiro, que leva palestras e debates para escolas de Porto Alegre, públicas e privadas e o segundo, que realiza visitas-guiadas na Câmara Municipal, tem-se revelado um atividades necessária e importante, mas se a demanda aumentar demasiado, nem tais projetos poderão ser conduzidos com o pessoal existente.

As dúvidas e as inquietações no entanto não devem tirar o mérito de um trabalho levado a exaustão. Ao colocar-se a programação na Web, ainda que precariamente, está sendo dado o primeiro passo para a colocação do acervo do memorial na rede mundial. De uma certa forma ele já está, pois indiretamente, as Atas das Sessões da Câmara, e todo o dia a dia já pode ser acessado. Esse "memorial a céu aberto" possibilita a escolas conhecer a história política do seu Legislativo no momento em que é construída. Mas isto não é suficiente, pois o acervo de imagens, em fase de catalogação, necessita ser digitalizado e também ser colocado a disposição - sem falar em imaginar-se CDROOM como o MARGS. Há recursos sub-utilizados: foi adquirido um home theater, mas que ainda não foi realizada programação específica para ele. Após um ano e meio de trabalho, o Memorial não passa ainda de um espaço cultural em "estado nascente", com um potencial importante para fazer uma "curva" no corredor cultural da cidade, fazendo-o vir da Usina do Gasômetro, e esparramando-o até o Museu Joaquim Felizardo.

Outros méritos do trabalho do Memorial, no entanto, está no fato de que foi capaz - em qualquer conceito que defenda - de construir relações que não imaginava criar neste período. Ele deu-se conta que tornou-se um dos raros espaços a aceitar pintores em início de carreira para exposições - quando a maioria dos espaços exige um currículo mínimo de exposições. Sem deter a última palavra em organização de exposições, o memorial recorre com frequência ao apoio de museus como o Julio de Castilhos e o Joaquim José Felizardo. Ainda que sobre o stress incessante de um trabalho feito ao “suor da camiseta” o Memorial descobriu que espaços de produção cultural menores podem ser ágeis e reagir melhor as necessidades de mudança. O problema é saber até que ponto, nas relações de poder e negociação estabelecidas internamente e com as demais instituições se deseja ir. O momento é de reflexão.

Educação para a política

Em diferentes momentos, através do projeto de Educação Política do Memorial da Câmara Municipal de Porto Alegre, tivemos oportunidade de desenvolver atividades pedagógicas que abordavam temas políticos escolhidos pela comunidade escolar, e que envolviam a discussão sobre Política, História da Cidade, Educação e Democracia, trabalhados a partir de exposições itinerantes e palestras que oferecemos a rede escolar gratuitamente.

Visitando escolas de norte a sul da capital desde o ano de 1998, o projeto é fundamental para atrair a reflexão dos jovens sobre a importância da ação política em nossa cidade. As palestras, que acompanharam as exposições, buscaram fazer a articulação com os estudos realizados pelos alunos nas disciplinas diversas da grade escolar, como Língua Portuguesa, Artes, Religião,

Geografia e História. Eventualmente, projetos específicos para cada escola foram realizados, com o apoio da Câmara de Vereadores.

É importante deixar claro que nem todas as falas desenvolvidas foram planejadas antecipadamente. Ao contrário, muitas surgiram "no calor da hora", no decorrer do processo de ensino, para invocar a história local e para atender perguntas e colocações dos alunos, característica essencial de uma prática educativa que busca ser democrática, dialógica e participativa.

No momento em que a todo o momento, pesquisas indicam o desinteresse do jovem pela política, este projeto de "Educação Política" é um exemplo de como os Legislativos podem desenvolver atividade simples e eficiente junto a população, um auxiliar fundamental no resgate dos valores democráticos e de cidadania dos jovens de nossa sociedade.

No interior do Legislativo, há um planejamento de atividades que segue o seguinte esquema. Num primeiro momento são recebidos os alunos, criando um sentido para os projetos "Aula na Câmara" ou "Visita Orientada." Faz-se perguntas para saber o que eles (alunos) sabem sobre o Poder Legislativo: o que é, para que serve, por que a sua existência? E questões para descobrir a noção de tempo que as crianças tem em relação a cidade. No interior do Plenário, trabalha-se noções de espaço, de forma a descobrir como as crianças dimensionam o ambiente, sempre utilizando um objeto concreto do Memorial da Câmara para as perguntas.

Num segundo momento circula-se pela Câmara para que as crianças descubram o seu funcionamento de que forma se dá o trabalho legislativo através do trabalho dos Vereadores, Comissões e dos diferentes profissionais que compõem a Câmara Municipal e a função de trabalhar com o patrimônio

político e a memória política. Provoca-se nesta circulação o trabalho com o imaginário das crianças.

No terceiro momento faz-se a circulação dentro da Sala Adel Carvalho do Memorial. Neste momento falar pouco e deixar as crianças perguntarem, apontando se for o caso a atenção para determinados objetos e imagens, conforme a idade das crianças os interesses e a atenção estarão voltados para diferentes objetos e imagens. As crianças são levadas para o Plenário Otávio Rocha: se vazio, ali são orientadas novas discussões. Se ocupado, é instruída a necessidade do silêncio, bem como explicada a importância do trabalho ali realizado.

O quarto momento é o da "Merenda pedagógica". Este momento pode ser realizado ao final, no Restaurante da Câmara, conforme o interesse das professoras. Em seguida, no quinto momento, quando é possível e há materiais, as crianças são convidadas a se expressarem através de artes plásticas, cênicas, etc, finalizando com expressão oral dos trabalhos realizados

É importante realizar contratos com as crianças nos diferentes momentos que elas passaram. Informar os momentos em que pode haver barulho e os que não podem, pois a viagem deve ser descontraída, com muitas brincadeiras, mas respeitando os espaços da casa que exige silêncio. Reforçar a dimensão lúdica da visita.

Em seus diversos projetos, o memorial já obteve diversos resultados. No ano 2000 23 escolas foram atingidas pelo projeto exposição itinerantes, beneficiando cerca de 17.751 alunos. Foram realizadas dentro do projeto "Câmara vai a escola" 25 palestras, atingindo cerca de 1000 alunos. Elas envolvem o trabalho em cerca de 22 exposições itinerantes, que beneficiam

cerca de 40% escolas estaduais, 27% escolas municipais, 24% escolas particulares e 9% de outras instituições.

Conclusão: o direito a memória

Este texto, falando do modo de aparecimento da instituição memorial na atualidade, do conceito de memorial e do memorial da Câmara de Vereadores, procurou evidenciar que esses três pontos não existem isoladamente, mas se remetem reciprocamente todo o tempo e não podem ser monopólio de museólogos e historiadores.

O apelo a tais campos se faz pela necessidade de refletir sobre o conhecimento e o trabalho do profissional de memorial em tais instituições, buscando princípios que orientem a prática profissional, um processo que não é espontâneo, mas deve ser provocado pelos atores envolvidos, ou seja, os profissionais que tem em seu encargo administrar os memoriais. No entanto, eles jamais poderão se furtar ao direito a memória, reivindicado por toda a sociedade, alegria de muitos e que o trabalho em um memorial pode auxiliar. Um memorial exige uma relação de liberdade com a história, no campo de riscos e desafios a todo instante e que não pode deixar de considerar a carga de indeterminação que afeta é-se afetado a todo instante. Curioso que tal movimento esteja repleto de prazer.

Bibliografia:

SOUZA, Francisco. Novo dicionário latino-português. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1926.

CRETELLA JR. José. Dicionário latino-português. São Paulo, Cia Editora Nacional, 1953.

RODRIGUES, Dirceu. Dicionário latino-português. São Paulo, Edições e Publicações do Brasil, 1944.

LEWIS, Charlton. A Latin Dictionary for Schools. Oxford, Clarendon Press, 1889.

FARIA, Ernesto. Dicionário Escolar Latino-português. São Paulo, CNME, 1962.

CABRALLI, Fr. Emanuelis. Magnu Lexicom. Paris, 1887.

FORCELINI, Aegídio. Lexicom Totus latinictis. Itália, MCMXXX.

THESAURUS LINGVAE LATINAE. Roma, MDCCCXXXVI

ENCICLOPÉDIA CATTOLICA. Roma, Vaticano, 1952.

ENCICLOPÉDIA ITALIANA. Roma, 1951.

ENCICLOPEDIA UNIVERSAL ILUSTRADA EUROPEU-AMERICANA. Espanha, s/d.